



Povos originários, agriculturas tradicionais e agroecologia: diálogos interculturais para fortalecer a produção de alimentos em territórios indígenas
Native peoples, traditional agriculture and agroecology: intercultural dialogues to strengthen food production in indigenous territories

PALM, Juliano¹; PORTO, Marcelo Firpo¹; FASANELLO, Marina; ROCHA, Diogo¹; MUNDURUKU, Jairo Saw²; MUNDURUKU, Juarez Saw².

¹ Núcleo Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde (Neepes/ENSP/Fiocruz) - julianoluispalm@gmail.com; mfirmo2@gmail.com; mtfasanello@gmail.com; diogo.neepes@gmail.com. ² Cacique liderança tradicional Munduruku - jairomdk@hotmail.com; juarezsawmdk@gmail.com

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: O texto apresenta o processo de pesquisa do Neepes junto ao povo Munduruku, que culminou na elaboração do projeto que está sendo desenvolvido atualmente com a perspectiva de fortalecer a produção de alimentos saudáveis nas aldeias do Médio Tapajós-PA. A questão transversal que inspira a pesquisa é: como realizar um diálogo respeitoso entre conhecimentos agroecológicos e tradicionais do povo Munduruku que torne visível a sua sabedoria, sem que isso produza epistemicídios, ou seja, a degradação de saberes e práticas tradicionais? A partir do exercício de uma ecologia de saberes, enfatizamos a importância de diálogos interculturais que promovam interações entre sistemas de conhecimentos e práticas agroecológicas com as dos povos originários com o objetivo de fortalecer a produção de alimentos e a segurança e soberania alimentar e nutricional em territórios indígenas.

Palavras-chave: povos originários; agriculturas tradicionais; diálogos interculturais; produção de alimentos; ecologia de saberes.

Introdução

A trajetória histórica dos povos originários é marcada, nos últimos séculos, por um conjunto de tensionamentos aos seus territórios, abrangendo e comprometendo diferentes dimensões de seus modos de vida. Existe uma significativa multiplicidade nas formas como se expressam estes tensionamentos aos povos indígenas em seus territórios, sendo reconfigurados e atualizados em relação aos distintos contextos

sociais, políticos, econômicos e culturais. Um instigante panorama das diversas formas como estes tensionamentos se desdobram em diferentes contextos territoriais pode ser observado no *Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil*, em que já foram mapeados mais de 185 conflitos envolvendo ataques a povos indígenas¹.

As tendências históricas de injustiça, exclusão e violência contra povos indígenas, como também outros grupos vulnerabilizados, tendem, ainda, a se agudizar em um contexto de convergência entre múltiplas crises e de expansão do modelo

¹ Ver: Início - Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil (fiocruz.br)



neoextrativista ancorado em atividades como o agronegócio e a mineração. Na última década podemos observar no contexto amazônico, por exemplo, uma elevação de 74% no percentual de áreas ameaçadas no entorno das terras indígenas, com um aumento de 65% no risco dentro desses territórios, conforme salientado em estudo realizado pelo Centro de Ciências do Sistema Terrestre, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) (Rorato et al, 2022)².

Mais especificamente em relação à agricultura e à alimentação, Norder et al (2019: 297) destacam que os múltiplos tensionamentos aos territórios de povos originários no Brasil têm comprometido e, inclusive, acarretado no “desaparecimento de conhecimentos, técnicas de manejo e cultivares ancestrais, colocando em risco suas atividades tradicionais voltadas para a construção da segurança alimentar”.

Ao mesmo tempo, são recorrentes ao longo da história as denúncias em relação às trágicas situações de fome e insegurança alimentar em territórios indígenas. A notícia mais recente destas situações se refere a tragédia vivenciada pelo povo Yanomami. Em janeiro de 2023 se explicitava que “o número de mortes de crianças com menos de 5 anos por causas evitáveis aumentou 29% no território Yanomami (...) a tragédia humanitária no território: crianças e velhos em pele e osso, que mal conseguem se equilibrar, se espalham pelas aldeias da Terra Indígena”. Após as denúncias, o Ministério da Saúde do governo recém eleito da coalizão política liderada pelo Partido dos Trabalhadores (PT) publicou uma portaria declarando emergência em saúde pública no território Yanomami.

Infelizmente, por vezes, estas tragédias se desdobram em outras, com ações que buscam solucionar a situação de fome imediata, mas que acabam comprometendo modos de vida com conhecimentos e práticas em relação a agricultura e alimentação de povos originários, a exemplo de doações de cestas de alimentos convencionais, que comprometem a cultura alimentar do povo em questão, ou a difusão de práticas de agricultura que não dialogam ou mesmo são contraditórias com as agriculturas tradicionais que garantiram a alimentação desta população durante séculos.

Ressaltamos, neste sentido, a importância estratégica de se buscar construir alternativas a partir de uma ecologia de saberes (Santos, 2021), estabelecendo um diálogo respeitoso entre conhecimento agroecológico e a cosmologia do povo em questão, sem que isso enfraqueça ou descaracterize saberes e práticas tradicionais, produzindo epistemicídios, com a degradação e morte de saberes tradicionais.

Com esta perspectiva o Neepees tem realizado, em conjunto com o povo Munduruku, um projeto de pesquisa que busca refletir sobre as possibilidades de fortalecer a produção de alimentos nas aldeias do Médio Tapajós-PA, enfrentando os dilemas da

² Entre os fatores que contribuem para estas elevações na Amazônia o estudo destaca o desmatamento, ocorrência de incêndios, a proximidade com rodovias, degradação florestal, mineração e o avanço da agropecuária.



insegurança alimentar com base em diálogos interculturais. É a partir dos aprendizados com este projeto de pesquisa que apresentaremos, de maneira muito sintética, reflexões que têm sido realizadas no âmbito do Neepees acerca das possibilidades de se criar condições para um diálogo respeitoso entre conhecimentos agroecológicos e cosmologias de povos originários, mais especificamente em relação a alimentação e agriculturas tradicionais.

Metodologia

As interações entre o Neepees e o povo Munduruku tiveram início ainda em 2017, quando da realização do documentário *Fio da Meada*, de Silvio Tandler. Nessa época a Associação Pariri encaminhou à Fiocruz uma carta solicitando auxílio para entender e enfrentar o problema do garimpo de ouro e a contaminação humana e ambiental por mercúrio no território. Desde sua criação, em 2018, o foco de atuação do Neepees tem sido a realização de projetos de pesquisa que buscam alternativas de promoção da saúde que respeitem a dignidade, os direitos territoriais, os saberes e as práticas tradicionais. Em relação a estes processos buscamos trabalhar com a noção de promoção emancipatória da saúde, envolvendo lutas por justiça em quatro dimensões: social, sanitária, ambiental/territorial e cognitiva (Porto et al, 2021).

O Neepees tem desenvolvido, neste sentido, um processo de pesquisa com os Munduruku que tem por base as metodologias sensíveis co-labor-ativas (Fasanello et al, 2018), envolvendo vários ciclos de aproximação para sistematização e operacionalização das ações acordadas coletivamente, buscando construir processos sinérgicos com os desafios e potencialidades que se expressam no território.

No projeto realizado entre 2021 e 2022 buscamos aprofundar a reflexão acerca das ameaças e conflitos ambientais, com foco no garimpo, na produção e consumo de alimentos, no significado tradicional dos peixes e nas alternativas possíveis. Ao final da pesquisa encaminhamos, como estratégia de promoção emancipatória da saúde, a possibilidade de serem buscadas alternativas para fortalecer a produção de alimentos, com vistas a garantir segurança e soberania alimentar e nutricional, como também geração de renda, sempre respeitando o modo de ser e viver Munduruku. Assim, chegamos à proposta do projeto de pesquisa que está sendo realizado atualmente: *Agroecologia e sustentabilidade para a promoção da saúde em territórios tradicionais no Médio Tapajós (PA) ameaçados pelo garimpo*.

Resultados e Discussão

Como realizar um diálogo respeitoso entre os conhecimentos agroecológicos e os tradicionais do povo Munduruku que valorize sua sabedoria, sem que isso enfraqueça ou descaracterize tais saberes e práticas, favorecendo epistemicídios junto ao próprio povo Munduruku? É em torno desta questão orientadora que foi sendo formulado o atual projeto de pesquisa que estamos desenvolvendo junto com o povo Munduruku nas aldeias do Médio Tapajós. Com base na ideia de ecologia de



saberes, buscamos fortalecer a produção de alimentos a partir de diálogos interculturais envolvendo a cosmovisão Munduruku, com suas práticas e saberes tradicionais sobre agricultura e alimentação; conhecimentos de pesquisadores do campo agroecológico e aprendizados de outras experiências de produção de alimentos em diferentes territórios indígenas que possam inspirar ações no âmbito dos planos agroecológicos que estão sendo construídos nas aldeias do Médio Tapajós.

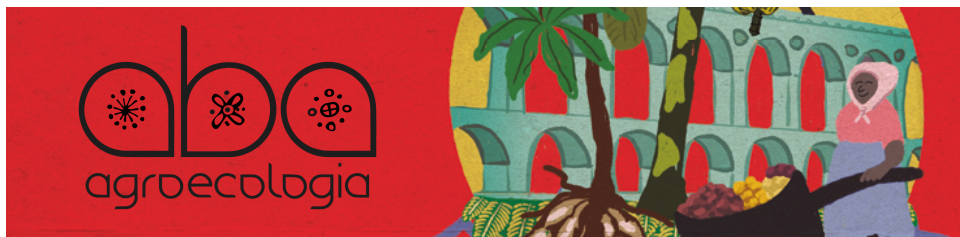
No campo agroecológico a dimensão cosmológica tem sido ressaltada, em diferentes trabalhos, como uma questão estratégica a ser aprofundada em processos de pesquisa. Ao estabelecer um diálogo intercultural com ao povo Munduruku, as metodologias sensíveis co-labor-ativas buscam promover a co-produção e a co-presença para fazer pesquisa junto com (e não apenas para), e isso envolve, entre outras, questões intergeracionais e intergeracionais na configuração das atividades.

Toledo e Barrera-Bassols (2015) consideram que as “sabedorias tradicionais” envolvem três dimensões: *corpus* (saberes em manejo), *práxis* (práticas de manejo) e *cosmos* (cosmovisões que englobam a interpretação da realidade). Ao avaliarem a literatura internacional os autores destacam que estudos no campo agroecológico têm dado muito mais atenção às dimensões de *corpus* e *práxis*, com poucos trabalhos que buscam aprofundar reflexões em relação à dimensão do *cosmos*.

Essa questão também foi observada no trabalho realizado por Laranjeiras et al (2018). Ao analisarem 21 artigos da Revista Brasileira de Agroecologia (RBA) e mais de 200 trabalhos (resumos) publicados nos Cadernos de Agroecologia, os autores observaram que apenas quatro ensaios apresentaram reflexões em relação à dimensão das cosmovisões, sendo todos relacionados à cultura afro-brasileira. Neste sentido, os autores também salientam a necessidade de estudos que busquem aprofundar reflexões sobre a dimensão das cosmovisões no campo agroecológico.

Ao longo dos anos de trabalho de pesquisa com o povo Munduruku temos tido a oportunidade de conhecer, ao menos em alguns fragmentos, a complexa cosmologia Munduruku. Esta cosmovisão nos ensina, por exemplo, que todos os seres foram criados em por Karosakaybu, um Deus que se manifesta e se mantém vivo pelas histórias e mitos da tradição oral, assim como pelos saberes e práticas tradicionais.

As técnicas tradicionais de agricultura, pesca, caça e criação de animais dos Munduruku sempre dialogam com os preceitos de Karosakaybu, com os espíritos criados para que haja harmonia entre os vários seres e mundos. Para os Munduruku, a convivência harmoniosa entre os vários seres e mundos tem como condição fundamental o conhecimento respeitoso e o diálogo direto (por exemplo, pelos sonhos dos que têm *visão*) para com eles. A convivência por parte dos humanos, sejam Munduruku ou não, com os seres que habitam os rios e as



florestas pode gerar reações que produzem benefícios quando são respeitados, ou então males para aqueles que desconsiderarem as regras e vontades da boa convivência.

Em diálogo com estes aspectos, que pudemos aprender na convivência com os Munduruku nos últimos anos, temos buscado refletir acerca das alternativas que possam fortalecer a agricultura e a criação de animais, de forma a respeitar o convívio harmonioso dos Munduruku com a floresta, o rio, as diversas plantas e animais.

Conclusões

A partir destas considerações chegamos à versão atual do projeto de pesquisa que estamos desenvolvendo com o povo Munduruku, com foco no fortalecimento da produção de alimentos nas aldeias do Médio Tapajós. Organizamos o projeto em torno de cinco focos de atuação: i) sistematização de experiências de produção de alimentos entre os Munduruku; ii) construção participativa de planos agroecológicos nas aldeias do Médio Tapajós; iii) construção de rede sociotécnica colaborativa envolvendo pesquisadores do campo agroecológico vinculados a diferentes instituições; iv) desenvolvimento de ações-piloto nas aldeias, relacionadas aos planos agroecológicos; v) processos e produtos gerados como subsídios para formação e comunicação.

Em cada um destes focos de atuação buscamos avançar em estratégias que permitam viabilizar diálogos interculturais envolvendo o conhecimento tradicional Munduruku em relação a agricultura e alimentação, de pesquisadores do campo agroecológico e conhecimentos de outras experiências de produção de alimentos em diferentes territórios indígenas que possam inspirar ações no âmbito dos planos agroecológicos que estão sendo construídos nas aldeias do Médio Tapajós. Esta questão tem orientado a realização do projeto do Neepes com o povo Munduruku, em que partimos das experiências interdisciplinares, interculturais e intersetoriais de pesquisa colaborativa acumuladas nos últimos anos em diferentes territórios, em especial com o povo Munduruku.

Agradecimentos

Registramos aqui nosso mais profundo agradecimento a todo povo Munduruku do Médio Tapajós, especialmente às lideranças tradicionais, como os caciques Juarez, Jairo e Valdemar, e à Associação Pariri, atualmente coordenada por Alessandra Korap.

Referências bibliográficas

FASANELLO, Marina T; NUNES, João A.; PORTO, Marcelo F. Metodologias colaborativas não extrativistas e comunicação: articulando criativamente saberes e



sentidos para a emancipação social. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, 12(4):1-19, 2018.

LARANJEIRA, Nina P.; CARCELLE, Sebastien; MIRANDA, Denise; SÁ, Tatiana D. A.; TRENTTO, Luã G.; SOUZA, Thais S.; CARDOSO, Irene M. Para uma ecologia de saberes: trajetória da construção do conhecimento agroecológico na Associação Brasileira de Agroecologia. **Revista Brasileira de Agroecologia** (Online), v. 14, p. 65, 2019.

NORDER, Luiz A.; TEIXEIRA, Carine A.; COSTA, Renata M.; DOS SANTOS, Tatiane R.; TRINDADE, Elen R. R.; NOVASKI, Gustavo S.; POYARES, Gustavo A.; JUNIOR, Mario C. C.; ALENCAR, Maria C. F. Agroecologia em terras indígenas no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Espaço Ameríndio**. Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 291-329, jul./dez. 2019.

PORTO, Marcelo F.; ROCHA, Diogo F.; FASANELLO, Marina T. **Saúde, Ecologias e Emancipação**: conhecimentos alternativos em tempos de crise(s). São Paulo: Hucitec Editora, 2021.

SANTOS, Boaventura S. S. **O Fim do Império Cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica. 2021.

RORATO, Ana C.; ESCADA, Maria I. S.; CAMARA, Gilberto.; PICOLI, Michelle C. A.; VERSTEGEN, Judith A. Environmental vulnerability assessment of Brazilian Amazon Indigenous Lands. **Environmental Science and Policy**, 2022.

TOLEDO, Victor; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural**: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015.